

FONTES DIGITAIS E A ERA DA DESINFORMAÇÃO: ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO

MARCELLE LARRÉ SCOLMEISTER RAMOS¹; RICHARD LUCAS LIMA DOS SANTOS², PEDRO AUGUSTO BERTOLDO CASTILHOS³, VITOR FERREIRA DA SILVA⁴;

WILIAN JUNIOR BONETE⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – marcellelarre10@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rluca1502@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pbertoldoc@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vitorferrds@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – wilian.bonete@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a circulação de informações em ambientes digitais ultrapassa a simples transmissão de dados, construindo narrativas históricas que muitas vezes se apoiam em fragmentos manipulados ou fora de contexto. A internet associa velocidade e capilaridade, mas também favorece a proliferação de material impreciso, exigindo do leitor adulto e jovem a capacidade de desconfiar e sondar a origem de cada notícia (CEZARINHO, 2018). Exemplos recorrentes incluem o uso de imagens antigas como se fossem atuais, títulos sensacionalistas que distorcem o corpo do texto e citações apócrifas atribuídas a figuras históricas. Nesse cenário, torna-se crucial ensinar procedimentos práticos de verificação, como checar autoria, data, fonte primária ou secundária e circularidade de referências, antes de aceitar uma informação como válida.

Paralelamente, o ensino de História tem buscado superar o modelo tradicional de memorização, adotando perspectivas que enfatizam a interpretação crítica e a problematização dos eventos passados. Nesse sentido, a análise de fontes digitais se mostra um exercício essencial para formar cidadãos capazes de detectar vieses e intenções subjacentes aos discursos veiculados online (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019). Essa orientação didática está em consonância com competências contemporâneas de letramento digital e argumentação, que valorizam a leitura comparada de múltiplas fontes e a construção de hipóteses a partir de evidências. Ao articular conteúdo histórico e práticas de checagem, o professor também favorece a autonomia intelectual dos estudantes e a responsabilização ética no uso da informação.

A oficina “Fontes Digitais e a Era da Desinformação: Desenvolvendo um Olhar Crítico” propõe-se a enfrentar o desafio da verificação de conteúdos históricos veiculados em meios digitais. A proposta desta oficina está alicerçada na premissa de que inserir os alunos do 3º ano do Ensino Médio em atividades colaborativas, pautadas em situações-problema, amplia seu repertório analítico e fortalece competências de leitura crítica. Ao estimular o trabalho em grupo e a troca de argumentos, pretendemos não apenas ensinar métodos de verificação, mas

também despertar o compromisso ético de cada estudante com a verdade histórica (COELHO; LEITE; PERLI, 2021).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A oficina foi aplicada a uma turma do 3º ano do Ensino Médio e estruturada em três momentos principais. Inicialmente, utilizou-se uma notícia falsa como provocação para instigar a curiosidade dos alunos e estimular o debate sobre a confiabilidade das informações que circulam nos meios digitais. Essa etapa teve como objetivo despertar o senso crítico e promover o engajamento dos estudantes desde o início da atividade.

Na sequência, foi realizada uma exposição teórica abordando os conceitos de fontes digitais, *fake news* e o papel do historiador na era da informação. Essa etapa buscou fornecer subsídios conceituais para que os alunos compreendessem os mecanismos de produção e circulação de conteúdos manipulados, além de apresentar critérios básicos para a verificação de informações.

Por fim, os alunos participaram de uma dinâmica prática em formato de gincana. Foram distribuídos cards contendo recortes de notícias reais e falsas, e os estudantes, organizados em grupos, foram desafiados a identificar os trechos manipulados, justificando suas escolhas com base nos critérios discutidos anteriormente. Os materiais utilizados incluíram projetor multimídia, cards impressos com *QR codes* que direcionavam para páginas de checagem e recortes de jornais digitais.

A análise dos resultados revelou aspectos positivos e negativos da atividade. Entre os pontos positivos, destaca-se o alto nível de engajamento dos alunos durante a dinâmica, a capacidade de argumentação desenvolvida nos grupos e o interesse demonstrado em compreender os processos de manipulação da informação. Além disso, a atividade promoveu um ambiente colaborativo e reflexivo, favorecendo a troca de ideias e o fortalecimento do pensamento crítico. Observou-se aumento na frequência de referências explícitas a critérios (por exemplo, “a data é inconsistente com o evento”) durante as plenárias. Registros escritos dos grupos evidenciaram progressão na clareza das justificativas entre os primeiros e os últimos cards analisados.

Por outro lado, alguns desafios foram observados. Houve dificuldade por parte de alguns estudantes em aplicar os critérios de verificação de forma consistente, o que indica a necessidade de aprofundamento teórico em futuras edições da oficina. Também se percebeu que o tempo disponível foi limitado para explorar com mais profundidade os exemplos apresentados, o que restringiu a consolidação de certos conceitos. Ainda assim, os resultados indicam que a oficina cumpriu seu papel de introduzir os alunos à análise crítica de fontes digitais e à reflexão sobre os impactos da desinformação no contexto educacional. Em particular, notou-se confusão entre checagem de autoria e verificação de credibilidade institucional, além de dificuldade em distinguir opinião de evidência.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência revelou que, embora os alunos transitem com desenvoltura pelas mídias digitais, eles carecem de referências teóricas e metodológicas claras para avaliar a veracidade de conteúdos históricos. Essa lacuna reflete a ausência de critérios sistematizados de análise em seu repertório, fazendo com que muitas informações sejam aceitas de forma acrítica. Identificar esse déficit foi fundamental para direcionar a oficina e reforçar a necessidade de um arcabouço conceitual que oriente a interpretação de documentos, imagens e narrativas on-line.

A dinâmica colaborativa, estruturada em discussões em pequenos grupos e em plenárias, evidenciou o poder do diálogo na construção do conhecimento. Ao confrontar diferentes pontos de vista, os estudantes passaram a reconhecer padrões de manipulação, como descontextualização de fontes primárias e uso de títulos sensacionalistas. Essa prática de debate coletivo fortaleceu não apenas a argumentação, mas também habilidades de escuta ativa, respeito à diversidade de opiniões e responsabilização mútua pela busca da verdade.

Ao envolver os jovens na criação de recursos didáticos, promove-se a apropriação crítica das ferramentas digitais e o protagonismo estudantil. Além disso, estender a oficina a outras turmas e anos reforçará a transversalidade do letramento informacional, incentivando parcerias entre professores de História, Língua Portuguesa e Tecnologias da Informação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Dicionário de Ensino de História. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 107–112.

COELHO, Fabiano; LEITE, Eudes; PERLI, Fernando (orgs.). História: o que é, quanto vale, para que serve? São Paulo: Letra e Voz, 2021. p. 63–77.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. Temporalidades – Revista de História, v. 10, n. 1, p. 320–338, 2018.